

“Aqui, diante de mim” Tempos de aprendizagem na vida e na obra de Miguel Torga

Carlos Carranca

Por ocasião da Sessão Solene de Abertura do Ano Lectivo.

Foi neste Salão Nobre que, pela primeira vez, se homenageou Miguel Torga, cinco meses após a sua morte a 17 de Janeiro de 1995. Ainda me recordo do espanto da Dona Ofélia ao ver-me entrar, pelas 18 horas, no Palácio: “Ó Professor ainda está por cá?”, imaginava-me a caminho de Coimbra para prestar a última homenagem àquele que, juntamente com meu Pai, havia sido um dos homens da minha vida. O espanto devia-se ao facto de, por diversas vezes, ficar no intervalo de uma varridela, especada, de vassoura em riste, colada à porta da sala onde eu dava largas aos meus parcos conhecimentos que, naturalmente, incluíam Torga.

A memória como lugar dos afectos vai-nos deixando mais ricos por dentro, que é, como quem diz, mais cheios de gente.

Era notório, na atitude e no comentário daquela senhora, a importância que ganhara um autor que ela nunca lera. Talvez tivesse ouvido, num desses momentos em que se chegou à porta – ou a minha voz a atravessava -, a voz de Torga afirmar: «Sou do povo, sou pelo povo, e não há forças humanas que me apaguem do instinto a cepa donde provenho». ¹

Pois é, mas o mundo não pára e essa senhora que era funcionária da Cofac, na Universidade Lusófona, foi transferida para as novas instalações do Campo Grande, enquanto que o Palácio de Santa Helena se abria a Almeida Garrett e à sua Escola Superior de Educação.

Desta varanda sobre o Tejo sentíamos, agora, a voz de «o divi-

no», assim era chamado pelos colegas em Coimbra, proclamando aos sete ventos:

“ Este é um século democrático; tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo (...) ou não se faz (...) Dai-lhe a verdade do passado no romance e no drama histórico – no drama e na novela da actualidade ofereci-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nível – e o povo há-de aplaudir, porque entende; é preciso entender para apreciar e gostar”.²

Educar e instruir são dois vocábulos que parecendo parentes próximos, em minha opinião, pouco têm de consanguinidade.

Instruir é parente do verbo construir, enquanto educar traz consigo o elemento conduzir que não é mais nem menos do que a acção de reduzir o outro ao que nós queremos que ele seja. A educação dá-se em casa diz o povo, enquanto a instrução serve para construir sem limitar, fora de portas. Mas construir o quê? O aluno, aquele que alimentamos. E é nessa confluência da educação em família e da instrução fora de casa que cada um se vai descobrindo.

Talvez tenha sido por ter entendido a dimensão poética que ambas carregam que Natália Correia no seu poema “ A defesa do Poeta “ gritou:

«Ó subalimentados do sonho!
A poesia é para comer»

Talvez Teixeira de Pascoaes tenha intuído esta verdade meio século antes, ao declarar que «em Portugal o que existe é o povo e os seus poetas, o resto é carne morta».

Admitamos que há algum exagero nesta afirmação. Mas logo sentimos necessidade de a confrontar com a de um dos filósofos da nossa vizinha Espanha, Ortega y Gasset. Este é da opinião, ainda mais radical, de que a humanidade está dividida em duas espécies: os poetas e os outros.

Por mim, fico-me na divisão em duas categorias: os que matam o tempo e os outros. Os que matam o tempo, matam a eternidade; os outros são poetas à solta – expressão que Agostinho da Silva utilizava sempre que se projectava no futuro.

Agitar, inquietar, libertar, essa foi e será a eterna missão da Poesia. Por isso, Almeida Garrett, desde Coimbra, não parou de lutar por aquilo em que acreditava. Não eram os interesses que contavam, eram os valores. Esteve exilado em Londres, regressando à Pátria com D. Pedro na frota libertadora. Auxiliou Mouzinho da Silveira a legislar o Liberalismo, a fazer cair as leis do Portugal caduco e a erguer o Portugal do futuro. Foi ele quem fundou o Conservatório Real, o Teatro Nacional Dona Maria II; Ministro de Portugal em Bruxelas representou o país ao mais alto nível. Foi ele quem lançou as bases da prosa moderna portuguesa.

Vejam, minhas queridas alunas, a responsabilidade que pesa sobre os vossos ombros, a de serem estudantes numa instituição com um patrono assim - porque o mais importante no carácter de quem se sente vivo é saber honrar os mortos, saber receber o seu testemunho. Os que nos deixam fisicamente só morrem quando os esquecemos.

É com o exemplo de Garrett que soube ser eterno, porque não viveu a matar o tempo, que partimos para a compreensão do nosso homenageado, Miguel Torga, que em plena 2ª Guerra afirmou: “Só a poesia poderá unir e pacificar a sociedade de hoje, estrelando de luzes de esperança a pavorosa noite que nos atormenta”.

Miguel Torga, aliás, Adolfo Correia Rocha, nasceu na aldeia de São Martinho de Anta (Concelho de Sabrosa; Província de Trás-os-Montes) a 12 de Agosto de 1907, ano em que Teixeira de Pascoaes publicou “As Sombras”; Sampaio Bruno a “Questão Religiosa” e se instalou a ditadura de João Franco.

Ortega y Gasset em “Temas de Viajes” afirmou:

«As condições geográficas, são uma fatalidade somente no sentido clássico do *Fata ducunt, non trahunt*: a fatalidade dirige, não arrasta. Como todo e qualquer organismo vital, o homem é um ser reactivo. E isto quer dizer que a modificação produzida nele por qualquer facto externo nunca é um efeito que se segue a uma causa. O meio não é causa dos nossos actos mas apenas um excitador deles. O dado geográfico é muito importante para a história, mas no sentido oposto ao que lhe dava Taine. Não é utilizável como causa que explique o carácter de um povo, mas sim, pelo contrário, como sintoma e símbolo desse carácter».³

Torga vai partir dessa “fatalidade” e vai cumprir um destino que ele mais tarde sabe sintetizar, lapidadamente, nesta afirmação: “O destino destina / mas o resto é comigo”.⁴

Jacinto do Prado Coelho corrobora desta opinião quando afirma num texto intitulado “Casticismo e humanidade em Miguel Torga”:

«Torga não é apenas a expressão de uma paisagem ou de uma alma colectiva: a sua obra é ele e a natureza; ele e Portugal, um Portugal que o fez, mas que em parte ele inventou».⁵

Como tantas outras crianças portuguesas, frequenta a escola primária oficial. Terminada a 4ª classe vê - se confrontado com o Seminário, única via acessível àqueles que, como ele, não tinham possibilidades de prosseguir os estudos.

A reflexão do senhor Botelho, seu mestre - escola, transposta no texto da sua obra “Criação do Mundo” é disto bem significativa:

«Padre! País desgraçado, o nosso! Os melhores alunos que lhe passavam pelas mãos, ou ficavam ali amarrados à terra, a em-brutecer, ou eram arrebanhados pela Santa Madre Igreja».⁶

Mas é já nesta altura que Adolfo Rocha se diferencia dos da sua condição, obstinadamente e assumindo todas as responsabilidades dos seus actos, nega-se a seguir uma carreira de celibatário, por

esta lhe contrariar a sua natureza de “bicho”, sujeitando-se às mais humilhantes provações na fazenda do seu tio rico, num Brasil que era na época o El Dorado da miséria nacional. E é nesse Brasil que vai descobrir que o seu destino não é o do comum dos mortais, que se limita a ganhar dinheiro (ou muito dinheiro). O que o chamava era a criação, a Arte.

O interesse que punha em tudo o que fazia, o gosto que manifestava pelos livros e as injustiças de que estava a ser vítima – a mulher de seu tio, casada em segundas núpcias, receava que o pequeno Adolfo fosse herdar de seu marido e por isso tudo fazia para lhe denegrir a imagem – levaram seu tio, no extremo do conflito, a revelar - lhe amizade e consideração, pagando - lhe os estudos em Coimbra. Foi assim que deixou o trabalho duro a que a fazenda o obrigava e em três anos fez o curso dos liceus e matriculou-se em Medicina, na Universidade de Coimbra.

Matriculado na Faculdade de Medicina, Torga relaciona-se com a juventude intelectual da época, chegando mesmo a colaborar na revista “Presença”. É neste período que o jovem escritor se dá a conhecer publicamente como poeta, ainda sem o pseudónimo Miguel Torga, com o livro de poemas *Ansiedade*. Mas a sua condição de homem comprometido com a vida leva-o a romper com o grupo. Segundo Torga:

«Intelectualizados da cabeça aos pés, mal tocavam a realidade. Eram platónicos no amor, teóricos no desporto, metafísicos no convívio. A convicção de serem únicos distanciava- os do vulgo, tornando-os incapazes dum contacto permanente com as forças rasteiras da natureza».⁷

A sua formatura em Medicina vem reforçar o carácter humano de Torga que se completa na fidelidade a Hipócrates e a Orpheu.

Segundo Clara Rocha (sua filha), na obra que serviu de tese de

mestrado “ O espaço autobiográfico em Miguel Torga”, o autor vive, na “ Criação do Mundo”, as quatro idades minerais – ouro, prata, bronze e ferro.

Nós vamos seguir esse caminho de interpretação aberto pela filha do Poeta, tentando cumprir o que me foi proposto: *Tempos de aprendizagem na vida e na obra* do poeta transmuntano. No ano de 1913, ano em que Pascoaes publicou “ O Doido e a Morte”, “ O génio português na sua expressão filosófica, poética e religiosa”, o pequeno Adolfo entra na escola primária do Senhor Botelho. Terá sido esse o seu primeiro contacto com os livros? Não, não foi. Sua mãe semi-analfabeta, lia-lhe à noite um resumo da Bíblia e seu avô, analfabeto, rezava em verso os seus Padre Nosso e Salvé Rainha:

Ó meu Deus Menino
Eu quero ser vosso
Por isso vos rezo
Este Padre Nosso.
A Vós me encomendo
Com grande cuidado;
A Vós que no céu
Estais santificado.⁸

Pela imagética religiosa Torga terá chegado à palavra poética. E pela palavra poética, será fiel à solidariedade de berço e à solidariedade cósmica, porque ser poeta é estar mais próximo da divindade, ainda que entre homens e pelos homens.

Nessa Idade de Ouro identifico quatro tempos de aprendizagem: um primeiro da infância pré-escolar onde o avô e a mãe marcam o seu carácter “ modularmente religioso”; um segundo, o da escola marcado pela personalidade do professor, o senhor Botelho; um terceiro, a ida para o Porto como criado de uma família rica da sua terra e, por fim, a experiência do Seminário em Lamego.

Na escola «entrava-se pela porta transversa, porque a outra, a principal, sempre com editais pregados a avisar os recrutas da data

das incorporações e os lavradores do prazo dos manifestos, dava para o salão nobre onde o senhor professor fazia os casamentos»⁹ e «O mestre, encabado nos socos abertos e abafado no varino de surrobeco, sempre atido ao venha a nós, recebia- nos conforme a pingadeira.

- O senhor passou bem?
- Olá seu pardal! Ainda agora?
- Trouxe uma cesta de batatas, que já entreguei à senhora Marquinhas e demorei-me um migalho...
- Bem , bem... Amanhã vê se desembelinhas essas pernas.
- (...)
- E tu meu figurão?
- Fui prender a burra...
- A burra tem costas largas!». ¹⁰

A senhora Marquinhas, mãe do mestre-escola administrava a “pingadeira” e requisitava os serviços dos alunos para os mais diversos fins: «Íamos- lhe à fonte, serravamos-lhe a lenha, varriámos-lhe a casa, e até leite pedia que lhe fôssemos arranjar; roubado das cabras que pastavam presas nos montes à volta». ¹¹ Além da cana, a «menina dos cinco olhos» era o elemento pedagógico de que o senhor Botelho se socorria como meio de persuasão mais eficaz. «Quem corrigia as respostas erradas, palmatoava o companheiro. E, a não ser em caso de vingança justificada, todos procuravam magoar o menos possível. Mas o senhor Botelho estava atento. E quando se convencia de haver compadrio, pagava o santo e o pecador. O resultado era cumprimento à risca do castigo ordenado, e bulha de morte à saída das aulas». ¹²

Ao abrir a sua obra *Portugal*, Torga brinda - nos com um singelo poema que nos leva ao tempo do senhor Botelho e nos revela todo o cariz afectivo da sua relação com a Pátria.

Soube a definição na minha infância
Mas o tempo apagou
As linhas que no mapa da memória
A mestra palmatória
Desenhou.
Hoje
Sei apenas gostar
Duma nesga Terra
Debruada de mar.
(*Portugal*, Poema «Pátria»)

Mas não era à escola que se resumia a infância do pequeno Adolfo. A verdadeira realidade transmontana também a sentiu como ninguém. Talvez por ser poeta... sentiu-a na carne e na alma. Filho de pais cavadores, com eles se iniciou no mundo dos homens - o trabalho. Por isso, segadas, malhadas, vindimas, podas e cavas faziam parte da sua experiência vivencial.

O poeta retirou de seu pai verdades universais que o trabalho dava a conhecer. «Quando eu era pequeno, havia lá em casa, no cimo de um lameiro, uma costeira que era só fraga; e meu Pai, na vessada, granjeava também aquele bocado, que nunca deu sequer feijão - chúcaro. Só com dez anos, sem conhecer ainda o pavor dos retalhos do tempo, perguntava-lhe eu, já cansado:

- Mas porque é que se cava também isto?
E ele, como quem sabia uma verdade eterna:
- Para se acabar o dia».¹³

Este passo do Diário mostra-nos que, além da escola oficial, Torga ouvia e respeitava a escola natural de seu pai – a terra e as suas verdades.

A terra era a prisão dos homens que a trabalhavam. Conheciam - lhe os ciclos com ciência, respondiam ao desafio que ela lhes lançava, mas «escravos da natureza, só a transcendiam quando rezavam».

Por isso, a morte, quando chegava, mesmo prematuramente, era

acolhida como «Desígnios da Providência», e não como consequência natural da falta de higiene, de condições básicas de saúde. Quando, «as entrites da Primavera dizimavam a infância da freguesia», o povo conformava-se: - «Anda Deus a fazer a colheita».¹⁴ ‘Para lá do Marão mandam os que lá estão’. Fechado no seu isolamento era o transmontano soberano do «Reino Maravilhoso». «Mandam todos. O poder que atravessa a muralha e penetra ali, se tem corpo, se tem nome, ou perde a marca individual e se transforma em símbolo, ou morre». (...) «Incapazes de uma obediência imposta de fora, os habitantes da terra apenas consideram naturais e legítimos os imperativos da própria consciência O eco duma ordem estranha à sua harmonia interior desliza pela crosta das almas sem os perturbar».¹⁵

Mas esta realidade esconde outra. Os detentores de conhecimento a que o povo não tem acesso levam-no a ter por esses conhecimentos uma admiração e um respeito (próprios de quem não os compreende) que fizeram dos seus possuidores os «parasitas do povo». Estes, «o padre, o médico, o professor e o juiz, em nome de Deus, do saber, da lei ou de Esculápio, exigiam-lhe todas as formas de preitesia, a começar pela mais concreta: o óbulo dos frutos da terra».¹⁶

E vem-nos à memória a interrogação deixada por Garrett: “Quantos pobres serão necessários para fazer um rico?”

Há pouco li um texto do Frei Bento Domingues que nos obriga à reflexão sobre o mesmo problema vivido por Torga na infância: “ Se desistirmos de sonhar e trabalhar por um mundo em que não haja uns à mesa e outros à porta, é porque celebramos a Eucaristia em vão.”¹⁷

A infância não terá sido um período dramático de grande sofrimento, como a sua adolescência. Por isso, a sua infância se perpetuará na figura do Menino de Jesus projectado no Futuro em que o poeta quer acreditar: o dos que creêm de verdade numa sociedade

mais justa. Essa verdade está, toda ela, naquela árvore gigante do largo do Eirô:

Na terra onde nasci há um só poeta.
Os meus versos são folhas dos seus ramos.
Quando chego de longe e conversamos,
É ele que me revela o mundo visitado.
Desce a noite do céu, ergue-se a madrugada.
E a luz do sol aceso ou apagado
É nos seus olhos que se vê pousada.

Esse poeta és tu, mestre da inquietação
Serena!
Tu, imortal avena
Que harmonizas o vento e adormeces o imenso
Redil de estrelas ao luar maninho.
Tu, gigante a sonhar, bosque suspenso
Onde os pássaros e o tempo fazem ninho!
(*Diário VII*, Poema «A um Negrilho»)

A Idade da Prata vai passá- la no Brasil. É o tempo da adolescência.

No Brasil tudo é diferente. A fauna, a flora, a vida do trabalho. Até a religião. Enquanto que o homem de Trás-os-Montes confia no padre e receia o inferno, no Brasil, terra misteriosa, são os espíritos que embriagam e guiam o homem.

«Desde que saíra de Agarez [S. Martinho de Anta] que nunca mais rezara. Além de não ter fé, em ninguém à minha volta a sentia, também. E quando o Padre Guilherme mandou dizer o Credo, fiquei admirado de o Credo também ser preciso no Brasil. Ele mesmo, Padre Guilherme, me dava vontade de rir, assim paramentado, com ares de quem levava o papel a sério. Mal se virava no altar para ordenar o *orate fratres*, via-o logo de cornetim na boca, muito vermelho, com as veias do pescoço inchadas por causa do cabeção, a solar o samba».¹⁸

É no Segundo Dia que Torga nos dá a imagem do português que, para fugir da pobreza de que não se vislumbrava saída, emigrou para o Brasil, onde «derrubou, roçou, semeou, plantou, capinou, construiu»²⁰ e enriqueceu, mas não deixou nunca de pensar no seu país, no seu Natal, que sem as batatas com bacalhau e couves, as castanhas e as nozes, não teria sentido.

A Idade do Bronze é a do artista a revelar-se e a do médico recém-formado a enfrentar as primeiras hostilidades da classe.

Com o passeio pela Europa e consequente publicação do 4º Dia da Criação do Mundo, Torga dá início à Idade do Ferro. Assistirá à Guerra Civil de Espanha, ao fascismo em Itália e contactará com compatriotas exilados em Paris (entre eles o seu professor de Coimbra, Aurélio Quintanilha).

A sua coerência levá-lo-á à prisão do Aljube como consequência natural de fidelidade, à honra de estar vivo.

O poeta descreve-nos a sua chegada como médico à terra de onde partira em Agarez [S. Martinho de Anta]:

«Em Agarez [S. Martinho da Anta] fui recebido hostilmente por uns, e reticamente pelos restantes. Para os ricos, a minha presença vinha subverter a ordem social que ali reinava desde que o mundo era mundo. Estavam vivos ainda os antigos patrões de minha mãe, e os que meu Pai servira de enxada na mão, e para quem eu próprio trabalhara também na meninice, a alumiar nas regas».²¹

Na Idade do Bronze identificamos quatro tempos de aprendizagem: o do liceu / universidade, o da escrita e a relação com elementos da geração de “Presença” - em especial Edmundo Bettencourt, Gaspar Simões, Régio e Branquinho da Fonseca, os primeiros impulsos revolucionários e o confronto com a sua classe profissional - os médicos.

Coimbra, 6 de Fevereiro de 1932

“Passo por esta universidade como um cão por vinha

vindimada. Nem eu reparo nela, nem ela repara em mim”. (*Diário*, I, p. 10)

Coimbra 1 de Março de 1933

“ Continuam as matanças de gatos, à mocada, cá na República. Uma selvajaria. Só quem assiste a isto pode avaliar o que é um homem primitivo. Não há humanidade que nos tire da pedra lascada”. (*Diário*, I, p. 10)

No ano de 1934 publica o livro em prosa a *Terceira Voz* onde adopta, pela primeira vez, o pseudónimo de Miguel Torga em homenagem a dois escritores ibéricos: Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno; a torga é um arbusto que cresce entre as fragas das montanhas de Trás-os-Montes.

A Idade do Ferro vai iniciá-la pagando as consequências do seu amor à terra que o viu nascer.

«Feliz ou infelizmente, conheço os meus limites, que este passeio pela Europa ajudou curiosamente a precisar. Seria capaz de viver longe da pátria na situação de emigrante que ganha o seu pão. Já o fui, de resto. Mas nunca poderia viver fora dela como escritor. Faltava-me o dicionário da terra, a gramática da paisagem, o espírito santo do povo. Além de que preciso pagar a liberdade. E a minha está lá [em Portugal]. Aqui, tenho quase a certeza de que nunca passaria dum desenraizado lírico revolucionário de má consciência...».

Será no seu consultório em Leiria, no ano de 1939, que Torga virá a ser detido e conduzido à Prisão do Aljube. No mesmo ano em que os republicanos são vencidos na Guerra Civil de Espanha, em que morre o poeta espanhol António Machado e se inicia a 2ª Guerra Mundial.

Lx, Cadeia do Aljube, 1 de Janeiro, de 1940

Ariane é um navio.
Tem mastros, velas e bandeira à proa,
E chegou num dia branco, frio,
A este rio Tejo de Lisboa.

Carregado de sonho, fundeou
Dentro da claridade destas grades...
Cisne de todos, que se foi, voltou
Só para os olhos de quem tem saudades...

Foram duas fragatas ver quem era
Um tal milagre assim: era um navio
Que se balança ali à minha espera
Entre gaivotas que se dão no rio.
Mas eu é que não pude ainda por meus passos
Sair desta prisão em corpo inteiro,
E levantar a âncora, e cair nos braços
De Ariane, o veleiro.
(*Diário*, V, Poema «Ariane»)

No ano de 1940, no Aljube, é visitado pela belga Andrée Crabbé a quem fora apresentado por Vitorino Nemésio. De regresso, esta sofre um grave acidente de viação. Casam civilmente a 27 de Julho, em Coimbra. No mesmo ano publica a sua obra mais conhecida : o livro de contos *Bichos*.

No ano seguinte instala-se em Coimbra, fixa consultório no Largo da Portagem:

«Era ela, quer eu quisesse quer não, a minha Agarez alfabetada, o húmus pavimentado que os meus pés pisavam com mais amor. A meio caminho de um chão montanhez convulsionado e dum litoral batido pelas ondas impetuosas, um equilíbrio urbano sintonizado com o remanso da paisagem circundante, ambos propícios às libertinagens românticas do sonho e aos abandonos macerados da criação». ²²

Batem-lhe à porta do consultório intelectuais oriundos de toda a Europa. «Poetas, críticos ou estudiosos da mais variada índole, que na terra deles tinham dado ou pretendiam dar testemunho do encontro com os meus livros. Todos queriam conhecer Agarez, o hùmus que os nutria».²³ Era o reconhecimento do mundo culto do valor real da obra do artista, que, fiel às suas origens, conseguira levá-las para tão longe da sua pátria - confirmação do trabalho de alguém que tivera o talento e a coragem de tomar como verbo uma pequena povoação do nordeste de Portugal, e a sua gente, homens únicos no seu valor e a estatura. Heróis, porque verdadeiramente humildes. Gente que de si dá tudo o que tem e por isso alcança a universalidade.

No ano de 1960, quando Ruben A. publica “A Torre Barbela” e Alfredo Margarido o romance “Fundo deste canal”, Torga é proposto por um professor da Universidade de Montpellier e com o apoio de Sophia de Mello Breyner como candidato ao Prémio Nobel da Literatura. Este acontecimento vai provocar grande agitação entre os escritores portugueses porque outro, Aquilino Ribeiro, acabava também de ser proposto e assim se entende como no reino da escrita, em especial da Oposição ao regime, o país andava desavindo.

Desta última fase, a da Idade do Ferro, há, talvez, quatro tempos de aprendizagem:

1º - O de ser pai. Nasce a sua filha (1955) “ um filho tem pelos menos esta vantagem : obriga-nos a olhar para fora de nós” (*Diário VIII*);

2º - O da visita às Colónias;

3º - O do 25 de Abril;

4º - O da Desilusão.

É no Sexto Dia da *Criação do Mundo* que Torga nos conta a sua viagem às colónias, dando-nos delas imagens diferenciadas. Em Angola não viu senão uma situação de injustiça provocada pela in-

compreensão do Poder face às culturas nativas. «Num cenário grandioso, e dramaticamente separados por um fosso de incompreensão, duas etnias caminhavam lado a lado, uma vestida e a outra despida, uma a enriquecer e a outra a trabalhar, uma dignificada e a outra degradada (...). Os valores que ali tinham curso eram todos da ordem do transitório».²⁴ Relativamente a Moçambique diz-nos:

«Desgraçadamente, o mal aí redobrava, desde a segregação, ao nível económico, à escassa difusão da língua aglutinadora. As cidades cresciam também escaroladas e alinhadas entre muceques desordenados e sombrios, os monumentos proclamavam ainda mais ostensivamente o domínio branco, os espaços desabitados eram infinitos, não se descortinava de norte a sul da província a vontade de construir uma pátria original alicerçada em valores locais e enriquecida por valores carreados. (...) Todos os Gungunhanas do passado e do presente falavam por aquelas bocas [intelectuais e artistas nacionalistas] que em língua portuguesa condenavam inapelavelmente Portugal».²⁵

Mas é na ilha de Moçambique que reencontra finalmente o equilíbrio. «Como num tubo de ensaio, todas as combinações e reacções humanas tinham sido levadas a cabo no pequeno recife. A Europa, a África e a Ásia entrelaçadas na arte, na cultura, na vida e na morte. Cristo de mãos dadas com Maomé, a Tora ao lado dos Evangelhos, o vestido a saudar o sari e a capulana (...) contradições que pareciam insolúveis, resolvidas em perfeita harmonia. Na arquitectura, nas crenças, nas relações. O espírito soubera encontrar naquelas paragens o denominador comum dos critérios mais inconciliáveis. Ali, sim, Camões podia legitimamente abrir o peito épico às brisas, D. João de Castro calcular os desvios da agulha de marear, S. Francisco Xavier deixar no chão pegadas da sua caminhada cristianizadora. (...) Aquele baluarte de fraternidade respondia pelo futuro ecuménico de Portugal».²⁶

Mil novecentos e setenta e quatro. Abril. Dia 25.

Finalmente cumpria-se a obra de Torga. Nessa madrugada as Forças Armadas faziam cair a mais velha ditadura da Europa. «Surpreendida pelo milagre, a alma nacional explodiu de alegria. De norte a sul, multidões transfiguradas enchiam as ruas num impulso de incontida esperança renovada. Parecia um sonho!».²⁷

«Finalmente dava gosto ser cidadão português». ²⁸

Mas breve o sonho esmoreceu: «as prisões encheram-se de novo, as ambições recalçadas vieram à tona, os lugares pingues foram assaltados, a mediocridade instalou-se, uma má consciência de efeitos retroactivos começou a roer-nos (...) Numa percipitação de culpados, pusemos fim à guerra sem condições e iniciámos uma descolonização insensata. Nenhum dos legítimos interesses da nação foi acautelado. (...) De avião e de barco, desembarcavam aos montes, famintas, desirmanadas [as populações ultramarinas] com a roupa do corpo por única riqueza. (...) e foi a derrocada. Ainda seguros de nós na véspera, acordávamos estremunhados no mundo de perplexidades. Que grandeza tinha o passado? Que significação tinha o presente? Que sentido tinha o futuro? Sem pontos de referência comuns, ninguém se reconhecia no espelho dos valores gregários». ²⁹

Contudo, o escritor considerava «factos irrevogáveis e positivos»... «o fim da guerra colonial; o retraimento da dimensão da pátria ao espaço ibérico; a destruição dos fundamentos do capitalismo monopolista e fundiário; a subversão da estrutura social; a abertura das mentalidades a valores novos; a consagração tácita da democracia; o cooperativismo; a liberalização de costumes». ³⁰

Mais uma vez é no povo que confia e acredita. Foi ele sempre o herói da sua obra. O poeta sabia que, apesar do desencanto, o povo haveria de encontrar solução para os momentos desajustados que lhe tentassem deformar o rosto e alterar o carácter.

Esta última fase da sua vida, a da nossa vida democrática, vai

ficar marcada pelo reconhecimento internacional da obra do artista-escritor e por um profundo desencanto na acção política daqueles que, eleitos pelo povo, o não sabem honrar.

No ano de 1976 Torga é galardoado com o *Prémio Internacional de Poesia* da XII Bienal de Knokke-Heist, na Bélgica. No ano seguinte é, de novo, proposto ao prémio Nobel e é homenageado, em Lisboa, na sede da Fundação Calouste Gulbenkian. Nova homenagem, desta vez por iniciativa do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É - lhe atribuído o *Prémio Morgado Mateus*, ex-aequo com o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. É distinguido, em 1981, com o *Prémio Montaigne*.

Em 1989 recebe o *Prémio Camões*, o mais importante galardão em língua portuguesa, pela primeira vez atribuído.

Volta, mais tarde, no ano de 1992, a ser proposto, agora pela Associação Portuguesa de Escritores, como candidato ao Nobel da Literatura.

No mesmo ano é distinguido com mais dois prémios: o *Prémio Vida Literária*, da Associação Portuguesa de Escritores, e o *Prémio Figura do Ano*, da Associação de Correspondentes da Imprensa Estrangeira. No ano seguinte publica o último volume do *Diário*, o décimo sexto, a sua derradeira obra.

Todas estas homenagens não adocicaram o carácter do velho transmontano. Livre, quanto possível, inconformista-original, refractário às “autoridades teológica e política” como Espinosa, cumpriu-se num combate espiritual, intelectual, moral e social, sendo o seu sentimento religioso e utópico, a base estruturante da sua acção política, agindo por sentido de dever:

Coimbra, 3 de Maio de 1990 – Não há duvida. Perdemos Colectivamente o rumo, e não há bússola política, nem gajeiro partidário que nos valha. Indiferentes à lição do passado, que já nenhuma escola nos ensina, sem ânimo e sem estímulo para sonhar e merecer o futuro, granjeamos passivamente a courela do

tempo, até esquecidos de que estamos no presente e somos seus contemporâneos e protagonistas.

Um mês depois anota no seu último diário:

Coimbra, 29 de Junho de 1990 – *Já não tem remédio. As minhas relações com os governantes hão-de ser sempre uma confrontação crispada. Mesmo quando uma real simpatia nos aproxima, o diálogo nunca é naturalmente cordial (...) mas o político, só pelo facto de o ser, é sempre um estranho ao pé de nós. Tem qualquer coisa de um predador humano, que ameaça dia e noite a paz dos demais viventes da selva. É pelo menos o que sinto (...) sei que um objectivo o move na vida : o poder. Que por ele de tudo é capaz, diga o que disser, pareça o que pareça. (...) É como se o soubesse caladamente armado contra mim.*

Num texto datado de **30 de setembro de 1991**, Torga deixa registrada, mais uma vez, a sua desilusão:

Desmereceu hoje, com voz da nação, o aval que lhe dei ontem para ser. Quer esquartejá-la, e pedia-me que o ajudasse na peregrina cruzada. Confunde a descentralização, o regresso ao nosso municipalismo administrativo tradicional, o povo realmente soberano, a governar-se em vez de ser governado, que sempre defendi, com a regionalização que advoga. E ouviu das boas. Mas de nada valeu. Quem não sente a unidade da pátria na própria carne, está predisposto para a ver aos bocados.

E prossegue, mais adiante:

Mas nós somos uma família unida a viver em harmonia há oitocentos anos dentro do mesmo agro patrimonial, sem contradições de nenhuma ordem e sem nenhum dos herdeiros pensar sequer em partilhas. Eu, pelo menos: e cada dia menos, até porque, mais cedo do que era de prever, os factos se encarregam de, tragicamente, me dar razão.

O seu insatisfeito patriotismo leva-o a mais uma afirmação de desencanto extremo:

Coimbra, 23 de Setembro de 1991- *Não queria outra pátria. Mas vivo envergonhado de ser nesta contemporâneo de alguns dos mais notórios compatriotas, e, por sê-lo, responsável moral de todas as patifarias que nela cometem.*

A 1 de Novembro, regista de novo no seu Diário:

Entrada em vigor da União Europeia, eufemismo encontrado para nomear o negregado Tratado de Maastricht. Lá estamos, atentos à batuta do novo Bismark impante que tudo vai poder dominar do seu teutónico quartel monetário. Lá estamos, infelizmente, na condição de humildes súbditos agradecidos, sem autonomia e sem voz, a beber champanhe comprometidamente, como parentes pobres numa boda de nababos, e a estender a mão ávida, a pedir mais dinheiro para comprar votos. E o riqueza, e os parceiros incautos que arregimentou, prodigamente, abrem os cordões à bolsa. Quem quer bons serviçais, paga-lhes.

Como remate para este tema da Europa e do Tratado de Maastricht, recorro à carta que Miguel Torga dirigiu a Mário Soares, em Maio de 1994, e que dizia certa altura:

(...) é pena que o seu medular optimismo doire sempre as conclusões de cada arrazoado. Refiro-me concretamente às idílicas considerações com que remata todas as referências à Europa. Eu também sou, e com desvanecimento, europeu. Mas disse um dia destes a um jornalista do “Le Monde” que só o era com significação se continuasse a ser plenamente português. Desculpe lembrar-lhe esta nossa velha divergência, infelizmente irremediável, que só trago à colação por descargo de consciência. Não há, nem haverá num futuro previsível, outra europa senão esta malfadada do capitalismo insaciável e tentacular.³¹

Quanto à abolição de fronteiras e conseqüente livre circulação de pessoas e de bens, Torga deixa registado, a 2 de Janeiro de 1993:

(...) Ocupados sem resistência e sem dor. Anestesiados pre-

viamente pelos invasores e seus cúmplices, somos agora oficialmente europeus de primeira, espanhóis de segunda e portugueses de terceira.

Estas citações inscrevem-se numa perspectiva pessimista, dirão alguns - outros dirão realista. Apenas acrescentarei “torguiana” no destino que, infelizmente, se encarregará de o confirmar.

Um distintíssimo político da nossa praça contactou Torga na esperança de que o poeta servisse de fiador dos seus propósitos políticos. O dia era 1 de Dezembro de 1993:

(...) O dia era de conjurados. De humilhações que se revoltaram e sacudiram o jugo estrangeiro, de ânimos impacientes e combativos. E nem isso pesava nas respostas frouxas e evasivas que vinham do outro lado do fio. E a conversa teve este triste remate:

- Vejo que está muito pessimista.

- Estou. Infelizmente. Não acredito em nenhum de vocês. Não são quentes, nem frios.

E se leu o “Apocalipse”, sabe que até Deus vomita os mortos.

Aqui, só entre nós, e só como nota: Um jovem amigo de Coimbra, o Manuel Fonseca um dia disse - lhe “ Oh! senhor doutor, eu tenho uma ideia... o senhor doutor, qualquer dia tem de pensar em comprar um computador”; ele, que estava a escrever com uma caneta, pousou - a e retorquiu: “Oh rapaz, tu és um bárbaro! Tu dizes que lê mas tu não lê uma linha minha”. Torga sentia que “O homem que o nosso século pede não é o que lê, o que se aprofunda a cavar em si. É um ser biológico perfeito, no sentido corpóreo e psíquico duma abelha”.³²

A 17 de Janeiro no Hospital de Oncologia de Coimbra, o amigo António Arnaut fechava-lhe os olhos. Terminavam todos os tempos de aprendizagem de um poeta que nos revelou haver em Portugal

duas culturas: “ uma que parece e outra que é. Uma que se exhibe e outra que se recata. Uma que se consome e outra que se preserva. Uma que nos arremeda e outra que nos identifica”.

Homem que buscou no mais fundo de si a verdade, fê - lo também com Portugal, observando - lhe o rosto, prescrutando - lhe a alma, revelando - lhe o carácter.

Bibliografia Primária

- Torga, Miguel, *A Criação do Mundo, Os Dois Primeiros Dias*, 4ª ed. refundida, Coimbra, 1969.
Torga, Miguel, *A Criação do Mundo, O Terceiro Dia*, 4ª ed. refundida, Coimbra, 1970.
Torga, Miguel, *A Criação do Mundo, O Quarto Dia*, 2ª ed. refundida, Coimbra, 1971.
Torga, Miguel, *A Criação do Mundo, O Quinto Dia*, Coimbra, 1974.
Torga, Miguel, *A Criação do Mundo, O Sexto Dia*, Coimbra, 1981.
Torga, Miguel, *Portugal*, 4ª ed. revista, Coimbra.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. I, 5ª ed. revista, Coimbra, 1967.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. II, 4ª ed., Coimbra, 1960.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. IV, 2ª ed. revista, Coimbra, 1953.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. VI, 2ª ed. revista, Coimbra, 1960.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. X, Coimbra, 1968.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. XI, Coimbra, 1973.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. XIII, Coimbra, 1983.
Torga, Miguel, *Diário*, vol. XVI, Coimbra, 1993.
Torga, Miguel, *Poemas Ibéricos*, Coimbra, 1970.
Torga, Miguel, *Camãra Ardente*, Coimbra, 1962.
Torga, Miguel, *Antologia Poética*, Coimbra, 1981.
Torga, Miguel, *Traço de União*, 2ª ed. revista, Coimbra, 1969.

Bibliografia Secundária

- Arnaut, António, *A condição portuguesa no Diário de Miguel Torga* (conferências). Coimbra, 1984.
- Carranca, Carlos, *Torga, o português do mundo*. Coimbra Editora, Coimbra, 1988.
- Carranca, Carlos, *Torga, o bicho religioso*. 2ª edição. Universitária Editora, Lisboa, 2000.
- Carranca, Carlos, *O sentimento religioso em Torga e em Unamuno*, Hugin, 2002.
- Colóquio de Letras, 43, 1978.
- Gonçalves, Fernão de Magalhães, *Sete Meditações sobre Miguel Torga*. Coimbra, 1977.
- Herrero, Jesús, *Miguel Torga, Poeta Ibérico*. Arcádia, Lisboa, 1979.
- Lourenço, Eduardo, “O desespero humanista em Miguel Torga e o das novas gerações”. *Tempo e Poesia*, Coimbra, 1955
- Melo, José de, *Miguel Torga (ensaio bibliofotográfico)*. Lions Clube de Aveiro, 1983.
- Moura, Frederico de, *Vestígios de Miguel Torga*. Edição de David Jorge Pereira, 1977.
- Rocha, Clara Crabbé, *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Livraria Almedina, Coimbra, 1977.
- Rocha, Clara Crabbé, *Miguel Torga, Fotobiografia*. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000.

Notas

- ¹ *Diário*, IV, 2ª ed revista, 1993, p. 66
- ² *Discurso de Abertura do Conservatório Real*
- ³ Ortega y Gasset, *Temas de Viajes*, O. C., Vol II. pp. 370-371
- ⁴ *Orfeu Rebelde*, 2ª ed., Coimbra, 1958, p. 8.
- ⁵ Jacinto Prado Coelho, *Ao contrário de Penélope*, Bertrand, 1976, p. 272
- ⁶ *Criação do Mundo, O Primeiro Dia*, 4ª ed., 1969, p. 55
- ⁷ *Criação do Mundo, O Terceiro Dia*, 4ª ed., 1970, p.84.
- ⁸ *Criação do Mundo, O Primeiro Dia*, Editora Nova Fronteira, Brasil, 1996, p. 24.
- ⁹ *Criação do Mundo, O Primeiro Dia*, 4ª ed., 1969, pp. 12-13
- ¹⁰ *Criação do mundo, O Primeiro Dia*, 4ª ed., 1969, p. 14
- ¹¹ *Op. Cit.*, p. 50
- ¹² *Criação do Mundo, O Primeiro Dia*, 4 ed., 1969, pp. 50-51.
- ¹³ *Diário*, I, 5º ed., 1967, p.113.
- ¹⁴ *Criação do Mundo, O Terceiro Dia*, 4º ed., 1970, p. 109.
- ¹⁵ *Portugal*, pp. 28-29.
- ¹⁶ *Criação do Mundo, O Terceiro Dia*, 4ª ed., 1970, p.150.
- ¹⁷ *Público*, 12 de Outubro de1998.
- ¹⁸ *Criação do Mundo, O Segundo Dia*, 4ª ed., 1969, p. 152.
- ¹⁹ *Criação do Mundo, O Segundo Dia*, 4ª ed., 1969, p. 131
- ²⁰ *Criação do Mundo, O Terceiro Dia*, 4ª ed., 1970. pp. 107-108.
- ²¹ *Criação do Mundo, O Quarto Dia*, 2ª ed., 1971, pp. 136-137.
- ²² *Criação do Mundo, O Sexto Dia*, 1981, p. 41.
- ²³ *Criação do Mundo, O Sexto Dia*, 1981, p. 76.
- ²⁴ *Criação do Mundo, O Sexto Dia*, 1981, p. 166.
- ²⁵ *Op. Cit.*, pp. 171-172.
- ²⁶ *Criação do Mundo, O Sexto Dia*, 1981, pp. 176-177.
- ²⁷ *Criação do Mundo, O Sexto Dia*, 1981, p. 188
- ²⁸ *Op. Cit.*, p. 190.
- ²⁹ *Criação do Mundo, O Sexto Dia*, 1981, p. 191.
- ³⁰ *Op. Cit.*, p. 193.
- ³¹ Clara Rocha, *Fotobiografia*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000, p.180
- ³² *Diário*, II, p. 42.